

## PINTURA SOBRE VÍDEO

Larissa Pereira  
Aluna do curso de Artes Plásticas  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
E-mail: [larissa.arts@hotmail.com](mailto:larissa.arts@hotmail.com)

Orientadora: Prof. Dra. Aline Dias  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES  
E-mail: [meiofilme@gmail.com](mailto:meiofilme@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho propõe refletir sobre as similaridades no processo criativo de Jonas Mekas e Marie Menken, estudando os rumos diferentes que os artistas tomaram a partir das experimentações situadas no cinema de vanguarda do século XX, tomando como referência a pesquisa de Reis (2018) que pontua o caráter singular de cada obra de Menken e os compara aos filmes-diário desenvolvidos por Mekas. A partir de autores como Kandinsky (1996) e Ostrower (1990), procuro elaborar relações com a minha própria produção artística em vídeo abordando conceitos de pintura, pautando-os na percepção intuitiva para a coleta de imagem, e posteriormente, pensando-os como abstração no processo de montagem. A comunicação aborda a relação entre pintura, filme e vídeo, através da análise do uso de elementos triviais do dia-a-dia, combinando a acumulação de imagens de Mekas, o pensamento formal de Menken e a montagem de ambos com base nas reflexões de Aumont (2005).

**Palavras-chave:** Montagem. Pintura. Vídeo. Abstração.

### Abstract

The present work intends to reflect on similarities in the creative process of Jonas Mekas and Marie Menken studying the different course they took, assuming the same principle of avant-gard cinema trials that took stage on the 20th century, taking as a reference the research of Reis (2018) that points the unique features of each Menken's work and compares them to the film-diary developed by Mekas. From authors as Kandinsky (1966) and Ostrower (1990), I look forward to stablish relationships with my own artistic production in video approaching painting concepts. Guiding them in the intuitivity of perception for the images collection, I think of them, posteriorly, as abstraction on the assembly process. The relationship of painting, film and video will be adressed throughout the analysis of everyday life's trivial elements, combining the image accumulation of Mekas, Menken's formal thoughts and the assembly of both based on Aumont's reflections (2005).

**Keywords:** Assembly. Painting. Video. Abstraction.

## Introdução

Este trabalho aborda aspectos composicionais de pintura aplicados em montagens audiovisuais de caráter abstrato, tomando como objeto de análise os filmes *Walden* (1969) de Jonas Mekas, *Lights* (1966) e *Glimpse of the Garden* (1957) de Marie Menken, relacionando-os a minha pesquisa em vídeo, iniciada a partir do desejo de filmar e montar detalhes do cotidiano que chamam à minha atenção.

Com a desculpa da falta de tempo, protelava a abordagem destes temas do cotidiano na pintura e optava por apropriar-me da linguagem do vídeo para compor imagens em frações de segundos de acordo com as cores, ritmos e contrastes que aparecem no meu cotidiano, embora, paradoxalmente a edição e montagem desses fragmentos tomem semanas ou meses de intenso trabalho.

Por outro lado, aquilo que sinto vontade de contemplar no dia-a-dia, mas a pressa impede, pode ser repensado e contemplado com calma na etapa de montagem. Dinâmica comparável ao trabalho de Jonas Mekas. Assim, fragmentos se acumularam em meu celular e começaram a ser interpretados e repensados na disciplina de Vídeo, no curso de Artes da UFES.

A contemplação tornou-se objeto de interesse e de uma série de interrogações diante das complexas relações entre: o tempo da produção de imagens, captadas em instantâneos, mas durante um processo de longa duração; a lentidão requerida na montagem; a intenção de propor ao observador um momento de pausa para observação de elementos ordinários; a forma como estes são apresentados de forma abrupta, rápida e, por vezes, confusa.

Quando a cor, o movimento de câmera e similaridades formais dos planos são a prioridade da montagem, segundo Aumont (2000), ela se enquadra como abstrata ou expressiva. A partir da abordagem deste autor e das variações temporais que percebo em meu processo, estabeleço vínculo com a artista Marie Menken, em sua busca por contornar a característica estática da pintura através das experimentações fílmicas.

## Processos

Por meio de levantamento bibliográfico, a pesquisa discute assuntos como a contemplação, percepção, montagem e abstração. Ao mapeá-los, iniciei o processo de leitura e fichamento dos textos e livros referenciais, além de também produzir trabalhos audiovisuais que partiram de coletas em longo prazo sem planejamento prévio.

Ao valorizar elementos formais na montagem, que reúne partes da minha vida pessoal, mas se aproximam por questões formais ou estéticas para composição de imagem, procuro dar importância às coisas corriqueiras que observamos no dia-a-dia. A intenção de pincelar detalhes por meio do vídeo me remete a pintura abstrata, pois geralmente filmo um ambiente inteiro por causa de um detalhe, mas, dando início ao processo acumulativo e as escolhas para um próximo vídeo, é nítido para mim o motivo pelo qual resolvi filmar tal coisa, mesmo que na hora da captura não seja.

Jonas Mekas fala de si mesmo através de fragmentos que coletou durante sua vida. *Walden* (1969) é descrito por ele mesmo como um filme-diário que resulta de pedaços de realidade capturados da forma mais objetiva possível. Ele, que tinha a vida corrida, achava que nunca teria tempo para se dedicar por vários meses à produção de um “filme de verdade” e filmava notas curtas, todos os dias.

Mekas compara a relação da filmagem com o ato de escrever um diário, pois escolhemos e reavaliamos os acontecimentos de acordo com o que estamos sentindo no momento, tudo acontece de novo “e o escrito é mais fiel ao que se é quando se escreve do que aos eventos e emoções do dia que se foram.”(Mekas, 2013, p.131).

Fayga Ostrower, artista plástica e teórica, diz que participamos ativamente da percepção em vez de apenas estarmos passivamente presentes e que também mesmo sem estarmos prestando atenção a algo em particular, continuamos notando e interpretando as coisas à nossa volta. Ao falar sobre a seletividade, afirma que ela nos leva “a conectar aspectos semelhantes ou contrastantes que podem ser significativos para nós, projetando em nossa

mente modelos mentais em forma de padrões hipotéticos.” (Ostrower, 1999, p.26).

*Glimpse of the Garden* de Marie Menken revela uma radical simplicidade e ênfase nas belezas de um jardim. Escolhendo detalhes que lhe chamam a atenção, a artista orienta nosso olhar através do gestual e pontua flores em *close up* para o momento de pausa e descanso do olhar do observador. Ao elogiar Menken, Jonas Mekas diz que a artista é capaz de recriar momentos fascinantes que instigam a meditação. “A chuva que ela vê, uma chuva suave, torna-se a memória de todas as chuvas que ela já viu; um jardim que ela vê torna-se a memória de todos os jardins, de toda cor, todo perfume, todo verão e todo sol.” (Mekas, 2013, pag. 69).

Em seu filme *Lights* (1966), Menken mostra uma profusão de luzes em movimento. A aparição de uma árvore de natal e de um contorno luminoso de uma igreja nos ajuda a construir um ambiente urbano, mas logo, os faróis que indicam a presença de carros, viram pontos de luz acelerados nos colocando no abstrato.

Apesar das similaridades técnicas, Mekas e Menken produziam trabalhos opostos. Na dissertação “Marie Menken: presença e artifício como matéria de movimento”, Ivan Amaral dos Reis analisa seus trabalhos individualmente colocando em voga a relação da artista plástica com as experimentações cinematográficas. O autor explica:

“A história de Menken, não está em seus filmes como impulso visual que deva ser decifrado, ou interpretado à maneira de descobrir, nas entrelinhas da imagem, momentos de entonação poética sobre sua própria vida. Não há o propósito de refletir sobre o cotidiano, como no filme-diário, mas o de imprimir na película apenas uma “história”, a que se constrói por meio de sua própria fugacidade: sua relação com a câmera no momento da filmagem.” (DOS REIS, 2018, p. 12)

O processo de abstração de ambos os artistas em seus filmes pode ser comparável às árvores de Mondrian<sup>1</sup>, uma obra de profunda pesquisa para o artista no que se refere à depuração das formas e meios de constituir a

---

<sup>1</sup>Piet Mondrian, artista modernista, iniciou em 1910 um processo de desconstrução da sua pintura figurativa de árvore até chegar às linhas e quadrados.

pintura a partir do referencial observado, o que, para o observador leigo, revela-se algo de difícil apreensão à primeira vista.

### **Considerações finais**

Com o objetivo de analisar as experimentações do cinema de vanguarda de Menken e Mekas, aproximamos a montagem de ritmos visuais e os problemas composicionais, visando relacioná-los à minha produção em vídeo no campo da arte, que pode ser comparado, ao processo de criação da pintura abstrata moderna. Ao partir da natureza, neste caso, o cotidiano, exploro seu potencial cromático enfatizando-o como objeto passível de contemplação.

Ao me pautar pelos pensamentos de Ostrower, Aumont e Kandinsky, relaciono pintura, filme e vídeo como objeto de pesquisa valorizando a simplicidade e subjetividade de processos criativos intuitivos que mesmo partindo de princípios similares, potencializam aspectos diferentes em seus respectivos trabalhos.

### **Referências Bibliográficas:**

- AUMONT, Jacques. **A Estética do Filme**. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.
- DOS REIS, Ivan Amaral. **Marie Menken: presença e artifício como matéria de movimento**. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Programa de Pós Graduação em Meios e Processos Audiovisuais – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.
- KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MEKAS, Jonas. **“Elogio à Marie Menken: cine-poeta.”** In: MOURÃO, Patrícia (org.). Jonas Mekas. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2013.
- MOURÃO, Patrícia (org.). **Jonas Mekas**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2013.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.